

QUINTA-FEIRA
Lisboa--4 de Abril--1929

SR.
Alvarenga
Brito Cam

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre 150

fixe semanário
humorístico

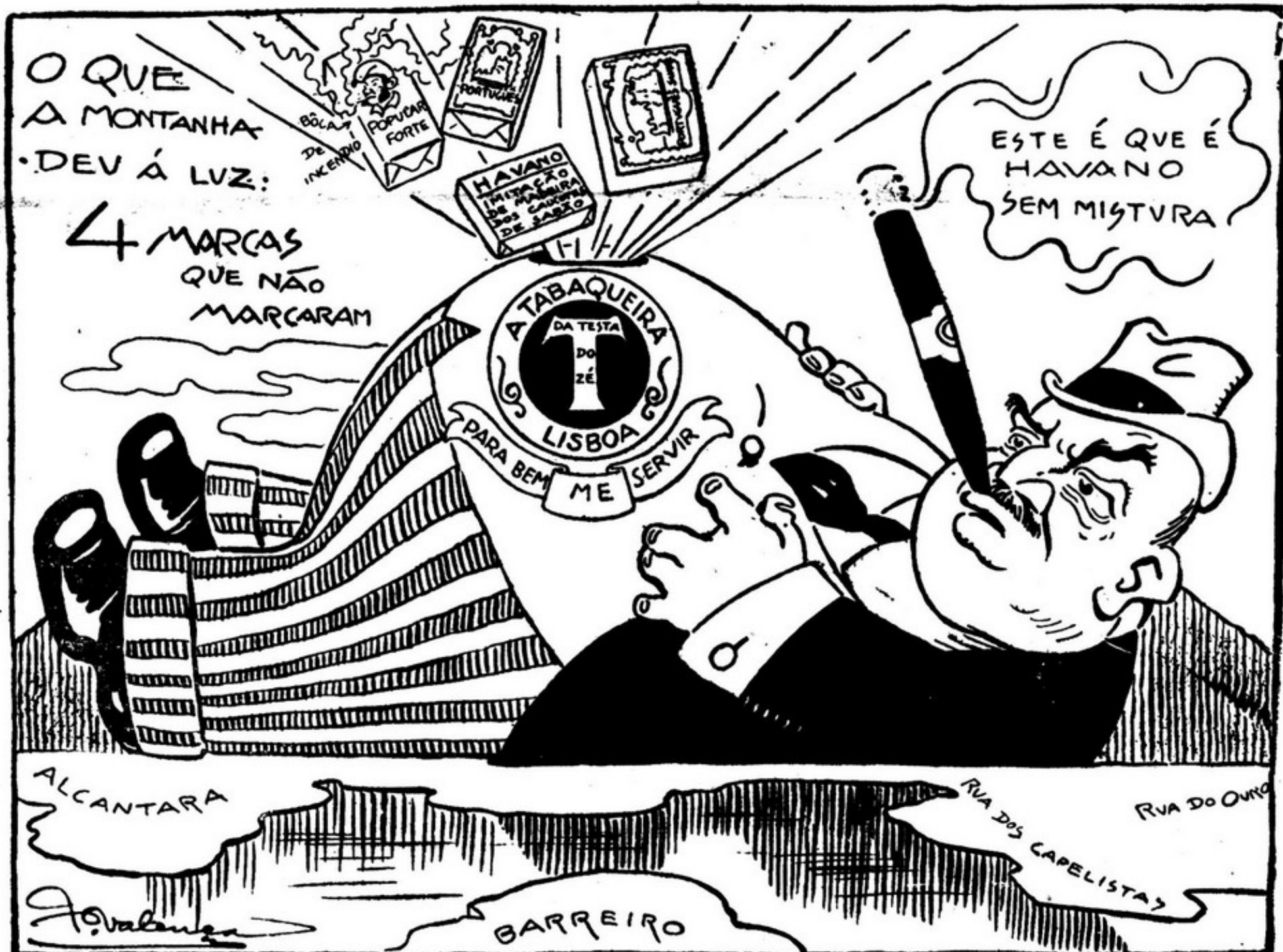


Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

"A Tabaqueira" ou uma "blague... à tabac"



Da qualidade do tabaco nada dizemos. Não o fumámos porque os medicos proibiram-nos o fumo... de velas «Navio». Da ilustração dos envolveros não gostámos. A beleza da Torre de Belem apanhou para o seu tabaco *Português*, e o salolo, campino, cabo de forcados, ou lá o que é, tem grandes *fumaças* de *Popular*, forte... e feio.



Os ditos da semana



Semana Santa e Pascoa

Se as mulheres soubessem como o preto lhes fica bem, nunca mais acabava a Semana Santa, mas, em compensação, acabavam, dum dia para outro, os estabelecimentos que vendem tecidos de cores garridas, e a cidade passaria a ser uma Sexta-Feira da Paixão. Bem sabemos que o luto não significa nada e bem vimos as caras de pascoa das que se vestiram de luto pela morte de Cristo, assim como quem anda a dar-se ares que tem algum parentesco com Deus Nosso Senhor.

O preto faz realçar a brancura das que são brancas e atenua a cor das morenas. Um vestido preto numa mulher, é como uma garrafa preta cheia de champagne. Por fora a escuridão da noite, por dentro um vinho capitoso que até faz espuma branca e sobe à cabeça e causa vertigens e causa delirios e causa loucuras.

Se Cristo soubesse que, vinte seculos depois da sua morte, ainda as mulheres haviam de vestir de preto por ele, ter-lhe ia custado menos a perdoar a Madalena os seus pecados de amor.

Se as mulheres soubessem... Mas infelizmente bem poucas o sabem, com raras e honrosas excepções daquela meia duzia que nós conhecemos, que não só uzam o preto, como uzam um preto que as leva ao cinema.

Horas felizes

A gente de bons principios não deve regosijar-se com a desgraça dos outros, mas quando os gatunos entram numa casa de prego e a saqueiam, sente-se um contentamento semelhante ao do cão que vê dar uma tarefa no dono que o maltrata. Isto não é regozijo, é uma especie de consolação interior, é o reconhecimento duma justiça imanente, duma

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

pena de Talião que faz bem à alma.

E aqueles gatunos da rua José Falcão, devem ter dado uma alegria a muita gente, tanto mais que não causaram danos de vida, nem fizeram brotar sequer uma gota de sangue. Gotas, se as houve, foram de suor, porque uma parede não se arromba com duas razões, para não falar agora nas gotas de vinho que se hão-de ter saboreado, depois do trabalhinho feito.

E que gatunos aqueles! Como eles gostam de ter a sua vida em dia, como eles gostam de saber as quantas andam, para o que se muniram de cento e cinquenta relógios de boas marcas, exclamando voluptuosamente:

— Ele ha horas felizes. . .

E ha. Ha pelo menos as horas em que as vitimas assistem à tortura dos seus algoszes.

Terreiro do Paço

A nova iluminação do Terreiro do Paço, aquela iluminação a jorros que já não

deixa fazer contrabando a horas mortas, poz tudo ás claras. Agora vê-se tudo, Mesmo aqueles que escondem o que fazem, não o podem já fazer na praça pombalina, altas horas da noite, porque lá teem sempre em cima os olhos dos transeuntes, ajudados por aqueles trinta mil holofotes que a Camara mandou montar para que o estrangeiro que vai a Sevilha fique sabeddo que nós somos um pais de iluminados.

A' meia noite vê-se tão bem dum lado ao outro da praça, como se a gente trouxesse nos olhos lentes de grande potencia ao meio dia, o que facilita o serviço da policia e o rigoroso cumprimento dos editais do sr. Ferreira do Amaral, para que salvemos os rapazes.

Como consequencia da iluminação, já o Arco da Rua Augusta se viu na contingencia de lavar a cara e já os pombos mariolas não arrulham nos bancos de pedra como dantes. Com a claridade perderam os pombos mariolas, mas ganharam os pom-

bos do Arco que já podem fazer, com segurança, as suas pontarias sobres as cabeças de quem passa, abrindo o olho, ao contrario do que fazem os caçadores que o fecham.

Agora não se pode fazer moeda falsa, nem contrabando, nem o conto do vigario, nem pouca vergonha nenhuma, porque tudo se descobre e tudo se vê. Não se pode mesmo deitar a mão á bolsa, de ninguem, porque se vê logo o torreão iluminado.

Muito bem á Camara. Com aquela iluminação e com a redução da placa a policia será implacavel.

A reconciliação

Iludidos pelo cartaz, fomos no domingo ao Campo Pequeno. Anunciavam-se nomes de bom cartel e touros bravos, o que já chegava á farta para atrair gente, mas, por cima de tudo isto vinha ainda a reconciliação da familia tauomatica.

E nós que já tinhamos perdido as esperanças de ver a reconciliação da familia portuguesa, deitamos até lá. Sempre era uma reconciliação.

A nossa desilusão, porém, foi completa. A reconciliação era uma blague. Os bois maravam nos toureiros e os toureiros, se não meteram mais ferros nos bichos, foi porque não puderam, tal qual como a familia portuguesa, sempre a prometer reconciliação, mas sempre á marrada uns aos outros.

O mostrengo

E agora? Já lá vão as 48 horas, e até 48 dias e o mostrengo da Calçada da Gloria sempre de pé.

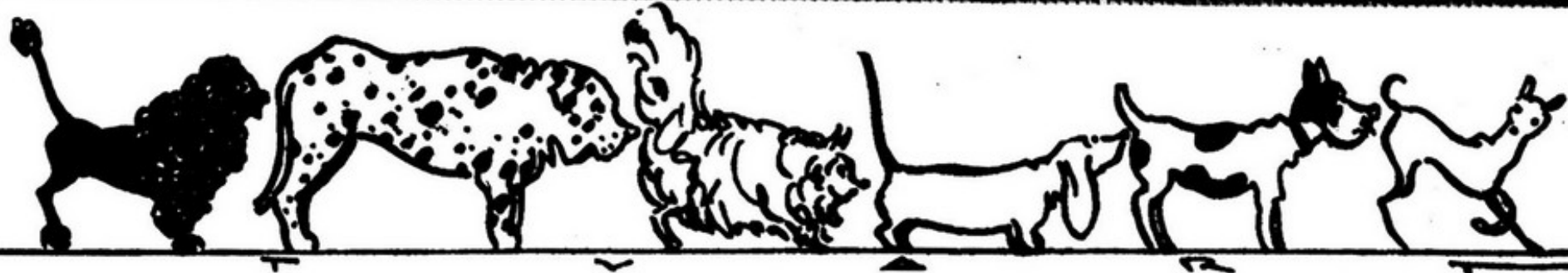
A Camara que foi capaz de arrazar o Mercado da Ribeira, não tem força para arrear o mostrengo? Ele é de cimento armado, mas a Camara tambem se pode armar duma picareta de bota a baixo. Sim, porque aquilo foi sempre uma bota desde o principio.

O DESPERTADOR



— Ora toma, para não acordares quem está a dormir descansado

FUME SUNRIPE



Um lindo friso para o quarto de um perseguidor de senhoras

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

EM teatro ha, actualmente, a mania de atribuir tudo á crise. A crise é que paga as favas. E' a crise de peças, a crise de artistas, a crise do publico, devido á falta de numerario... E' tudo crise. Realmente é quasi assim. Até ha crise de empresarios, de empresarios que saibam do seu officio.

Empresarios com dinheiro sempre aparecem. Aparecem até mais do que era preciso. Devido, talvez, a alguns milicianos é que se dá o que se dá...

Vem isto a proposito de haver, ha um mês, numa dos nossos teatros, dinheiro para se formar uma companhia.

O que faltava? Um empresario. Procura-se um, como quem procura um rabulista. Encontrou-se. Fizeram o seu contrato. Fixou-se o ordenado. E aí temos nós: um empresario teatral contratado a tanto por mês, como qualquer artista.

Parece mentira, mas é assim mesmo.

O caso é conhecido dos que vivem no meio teatral. E' escusado pôr as iniciais do teatro e as iniciais do empresario...



PROCUA-SE saber qual a razão da saída do T. A. da companhia que ha dois meses ali vinha trabalhando. Não é facil dar com ela.

Estava, ou não, a defender-se? O publico frequentava, ou não, o teatro? A peça teve, ou não, exito? O conjunto artistico era, ou não, bom?

Todas estas perguntas tiveram resposta afirmativa quando as fizemos a uma figura grada da companhia.

Então porque receberam ordem de despejo?

—Segredo!... Alto segredo! Ha quem diga que os lucros não pesaram tanto na balança como seria para desejar...



O «Wang»... foi-se. Por mais reclamo que se lhe fez, não conseguiu, ainda, ver a luz da ribalta.

As noticias teatraes sucediam-se, anunciando o «Wang» para a Semana Santa. Chega a Semana Santa e foi anunciado para sabado de Aleluia. Ainda não tinha chegado o dito sabado, adiou-se a premiere para esta semana...

O «Wang» foi-se... e tambem se foi da companhia, pela vigesima vez, o R. M....



JÁ que falámos em cinema... deixem que façamos umas perguntas:

—Porque não se consente na vinda a Lisboa de companhias estrangeiras— devido ao ouro que sai do país, e se consente que se importem fitas cinematograficas, que tambem são pagas em ouro?

—Porque razão somos obrigados a gramar a Falconetti em fita e não a podemos ver em carne e osso, como era mais agradável?

—Como se explica que se possa trazer ao Coliseu numeros e numeros de variedades e não se possa trazer para um teatro uma conponetista ou uma ballarina celebre?



CONTINUA a ser lapidado e floreado pelo Minho e Douro o actor A. da C. Tem sido um delirio— rezam as gazetas.

Estamos a vê-lo, sempre levado em triunfo e aclamado... como o devia ser em Lisboa.

E' pena que os nossos ares de teatro tenham de ir á provincia buscar aplausos... e buscar publico, ou então, estão sem contrato.

Lá por fóra anda, não só o A. da C. como a L. S. Lá para fóra vai a



José Loureiro... que atravez de tudo, pó... de bem com o pó... de maio... mesmo antes de tempo.

A. R. C. e a A. de O. e em casa continuam a P. B. e o C. P. Isto é, os nossos melhores artistas, os que valem de verdade, não podem, devido ás circunstancias, estar em Lisboa.

E' triste! Quando se convencerá o publico lisboeta de que deve acarinhá-los os artistas portugueses? Já é tempo de arripiar caminho... e deixar, um pouco, de ir ao cinema...

O que é necessario fazer para isso? Estudar o problema com cuidado e dar-lhe boas peças e bem representadas. Com estudo tudo se consegue, e se houver quem saiba dirigir, não é difficil vencer-se...

Lisboa necessita ter bom teatro e

tem direito a ver representá-los os seus melhores artistas...



O NOSSO Edurisa, do Porto, 6, quasi sempre, criterioso no que escreve. Ha dias publicava o seguinte, num jornal de Lisboa:

«Insipida, verdadeiramente insipida o falha de interesse, a sorna teatral no Porto. Quere isto dizer que esta cidade atravesse, presentemente, um periodo agudo de crise teatral? Não; o que atravesse é um momento de crise

de bons espectaculos e de criteriosa direcção artistica.»

Não ha, realmente, direcção nos nossos teatros... Não ha quem guie os artistas e quem escolha, com acerto, as peças a representar. Dois ou três homens de pulso punham a direito o teatro, em duas ou três epochas. Estamos certos disso. Que falta nos faz um visconde de S. Luis de Bragança! Se ele ressuscitasse e visse o que vai por esses palcos de comedia, tornava a morrer... de desgosto!



As vedetas de revista vão todas para a provincia. Já lá anda a A. F., a cantar fados ao domicilio, e agora vão a L. D. e a H. L.

Lisboa começa a estar ás escuras... Fogem as estrelas... O que vale é que as vedetas são como os alcastruzes... Umam vão e outras aparecem...

A' M. S.— que agora se inicia no genero ligeiro— já lhe chamam os jornais: «Angela Pinto da actualidade»...

Assim é que elas se estragam...



ANTIGAMENTE— ha uns bons trinta anos— representava-se, por ano, uma revista. Chamava-se quasi sempre A revista do ano. Se ainda assim se fizesse, não faltaria, com cortezia, na deste ano, o fado da padaria... Os versos para ele, andam aí de mão em mão, e vanos transcreve-los:

Nós pensemos que a gentalha
Que no teatro trabalha
Não usava repontar.
E vai assim de repente,
Tinha arresolvido a gente
A maneira de os tramar.

Meter-lhe entre dois tijois
A cabeça e ao despois
(Coisa a c'a gente anda avexo)
Rouba-se o ordenado
Como pão já mal pesado
Que não leva contrapezo.

Pois nisto de inconomia
Pensa cá a padaria
Que a vida vai direitinha,
Se a gente souber contê-los,
Dando-lhe a comer farelos
Guardando a gente a farinha...

Mas andemos desconfiados
Que fiquemos codilhados,
Que esta greve não tem furo,
Bem se vê que a malandrage
Não grama cá qu'a moage
Lhe dê a comer pão escuro.

O dianho é se o Pereira,
Ao saber da brincadeira,
Não concorda com a dança.
Ou se vem a Inspeção
E obriga a pezar o pão
E manda affir a balança.



A A. de O. anuncia nos periodicos que tem já firmados contratos para 136 espectaculos com 58 empresas do país.

A A. de O. começa a mostrar ao publico como tem organizada a sua tournée e como se ensina aos empresarios a fórma de trabalhar em teatro... E' uma grande lição que dá aos actuais dirigentes dos negocios teatraes...

Será com este método que conserva, ha vinte anos, a mesma juventude e o mesmo sorriso, a ponto de lhe chamarem «A sempre joven»?

O Homem das 5 horas



Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.

TURRAS...

O Fernandes dos jornais
—Que é um poeta de estalo—
Disse que as letras versais
Das minhas iniciais
Se traduzem por «Cavalo».

Mas não me surpreendeu:
Outra coisa não se esperava
De quem, como ele, é careu.
Que ele é Carneiro sei eu
Não sabia é que marrava...

Dizem que é duro de roer,
Que tem figados de bódo
E hábitos de mal dizer.
—Mas não nos marra quem quer
Apenas marra quem póde...

H. P.

BOM HUMOR

Entre dramaturgos de agora:
— Ontem obtive um grande êxito com o meu drama. O publico, todos os finais de actos, chamou-me...
— Escusas de me dizer o que o publico te chamou...

— Mas porque razão é que a familia dela não quer o casamento?
— E que só são sete na familia e ele só tem um automovel...

— Porque não trabalha? Olhe que chega a ser um prazer!
— Concordo! Mas não acho conveniente a gente entregar-se em cheio ao prazer...

— Um automovel matou ontem o Pí-nheiro.
— Que sorte esse homem teve! Tinha feito na vespera um seguro de vida...

— Sempre que quero ir a sua casa, o seu cão impede-me a entrada?
— Não admira! É um animal intelligentissimo...

— Que prefere: vinho ou champagne?
— Conforme quem paga!...

Na aula:
O professor: — Diga-me os ossos do corpo humano?
O aluno: — Tenho-os todos na cabeça, sr. professor, mas agora não me recordo deles...

Na rua:
— Adeus, João! Levo muita pressa. Tenho que tomar o comboio das 9,40.
— Não te apoquentes! Acabo de perdê-lo...

Ela: — Que levas aí?
Ele: — Pós insecticidas!
Ela: — Meu Deus! Não pensas em suicidar-te, pois não?



— Se o taxi não pára senão lá em baixo, quanto não me vai custar a corrida.

Sortes grandiosas
só o FINA as vende
75 Rua de S. Paulo-77

Boa assistência só no
Solar d'Alegria.

DOENÇAS MODERNAS

A Automania

Generalidades. — A automania é uma doença que ha uns tempos para cá se tem desenvolvido duma maneira assustadora! Não é mortal, nem epidémica, mas pode levar á loucura! Pertence á classe das pneumonias, uremias, anemias, dispepsias e outras, o que seria escusado dizer, pois logo se vê pela terminação em *ia*.

Sintomas. — O doente atacado de automania é de facil reconhecimento pelos seus sintomas característicos.

Assim, onde haja um automovel, lá está ele parado, vendo os H. P., inspeccionando os travões e fazendo projectos de ainda um dia comprar um igual!...

Quando passela, esbarra com os transeuntes, pois fica olhando as *limousines* que passam — como succede ao «portuguesinho» quando vê uma mulher bonita — com olhares de cobiça para elas e de inveja para os seus possuidores!...

É' sintoma tambem importante a maneira de falar do doente, que é elevada de termos automobilisticos. Assim, a «casa» para ele é a *garage*, e quando vai almoçar com certa fome diz «que vai meter gasolina, pois tem já o motor a falhar»!...

Ao vêr passar uma mulher rova, exclama, se é bonita: «Mas que linda *conduite*»; se, pelo contrario, é feia, volta-se para o amigo e diz: «Olha aquele *Ford*, modelo antigo!»...

Classifica ainda as mulheres em *camions*, *camionettes* e *Tipo-Sport*!...

Patologia. — Diversos casos se podem considerar, mas resumem-se em dois: ou o doente possui um automovel ou não.

O primeiro caso é facilmente reco-

nhecivel para um medico habil. Assim, bastará falar-lhe em *records* de velocidade, pois o doente declarará imediatamente que já deu 140 á hora, invocando, como de costume, o testemunho de pessoas já mortas ou então ausentes. Este caso patologico é grave, mas no entanto tem facil cura, pois em geral os automaniacos, possuidores dum carro, sofrem morte prematura por desastre ou inhabilidade e consequentemente acaba a doença...

O segundo caso é mais complicado, pois apparece-nos quasi sempre com um caracter, por assim dizer, de doença mental. Os doentes incluídos neste agrupamento sonham com frequencia que possuem um automovel e não é raro puxarem um braço á mulher, quando estão dormindo, julgando ser um travão, ou carregam-lhe com a mão aberta no nariz, supondo que estão tocando no botão do *klaxon*...

Profilaxia e cura. — Meios preventivos contra esta doença não ha até agora, mas Dawson, celebre medico americano — segundo noticia da *Havas* — espera dentro em breve aplicar com exito a vacina anti-automaniaca.

A cura da doença é difficil; depois de declarada, poucos meios ha de a levar a efeito. No entanto, os mais aconselhados são o envio do doente para Freixo-de-Espada-á-Cinta, Oceano Atlantico ou cume do Monte Branco, onde, como se sabe, os veiculos condutores da doença escasseiam.

(Do «Manual de doenças modernas infecciosas»).

Mario Augusto

O "Fixe" no Porto



O escriptor Antero de Figueiredo

Filosofia de trazer por casa...

Se uma mulher te pedir um beijo, dá-lho com violencia; um beijo cinematografico dos mais compridos... São os mais doces. Se te pedir um vestido, dá-lhe uma saia das mais curtas... São as mais baratas.

«Debaixo daquela arcada passava-se a noite bem...» Agora, com a nova iluminação no Terreiro do Paço, só passa a noite bem quem estiver habituado a dormir com luz no quarto...

As feias e as solteiras costumam dizer, sempre que pretendem depreciar o sexo forte: «Os homens são todos iguais! Não se aproveita nem um...» Falam absolutamente verdade. *Todos iguais*, porque nenhum as pretende; *não se aproveita nem um*, porque todos eles dispensaram aproveitar-se delas...

Um dia inventou-se o dinheiro; no dia seguinte foi preciso inventar o amor para o fazer circular e, como isto não bastasse, inventaram-se os casacos de peles...

O automovel fez-se para comodidade de uns e para desgraça de outros. Ha pessoas que morrem sem nunca lhe pôr o pé em cima. Essas, geralmente, costumam ficar por baixo...

Uma das profissões mais ingratas é a de revisteiro. Para escrever uma revista é preciso ser Calino, e ser Calino é muito mais difficil que ter talento.

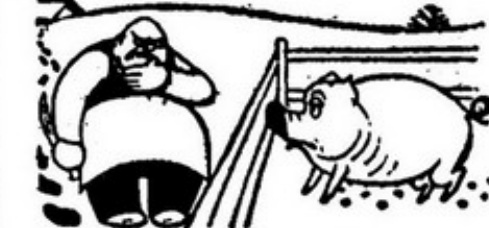
«A falta de cabelo é sinal de intelligencia». Afirma-se isto para consolação dos carecas como eu... Quiz certificar-me e conclui que os três pelos que ainda tenho na cabeça são apenas o sinal evidente duma calvicie respeitavel...

Em amor proclamou-se a republica e fez-se a socialização do beijo... Hoje, por qualquer coisa, diz-se logo: «Sou da tua opinião; dá cá um beijinho...»

Sete e Meio.



— O rapaz que mora aqui ao lado está á morte.
— Sim?!
— E a mulher tambem está gravemente doente.
— Que infelicidade. Querem vêr que ficam ambos viuvos...



O porco: — Este tipo julga que eu como muito e...

FUMEE SUNRIPE

Elevador da Gloria

Havia um medico de bordo que só receitava aos tripulantes agua do mar.

Dór de estomago — um copo de agua do mar.

Dór de dentes — bochechos de agua do mar.

Irritação de pele — lavagens com agua do mar.

Dór de barriga — dezoito copos de agua do mar em jejum.

A marinhagem já andava aborrecida com a hemocpatica salina.

Um dia, ao saltar para um escaler, o medico caiu ao mar.

Logo um dos marinheiros gritou, filito:

— Acudam! O sr. doutor... caiu na botica...

* * *

Em certa cidade do norte do país, á ordem do administrador, foi preso um pobre camponio, por um motivo futil que não interessa á historia. No outro dia, porém, choviam tantos empenhos sobre o administrador que este resolveu pô-lo em liberdade, mas com a condição de pagar 500 escudos, que seriam para a Misericórdia.

Quando foram dizer ao camponio que estava livre, este deu graças a Deus e um abraço ao carcereiro.

— Até que enfim!

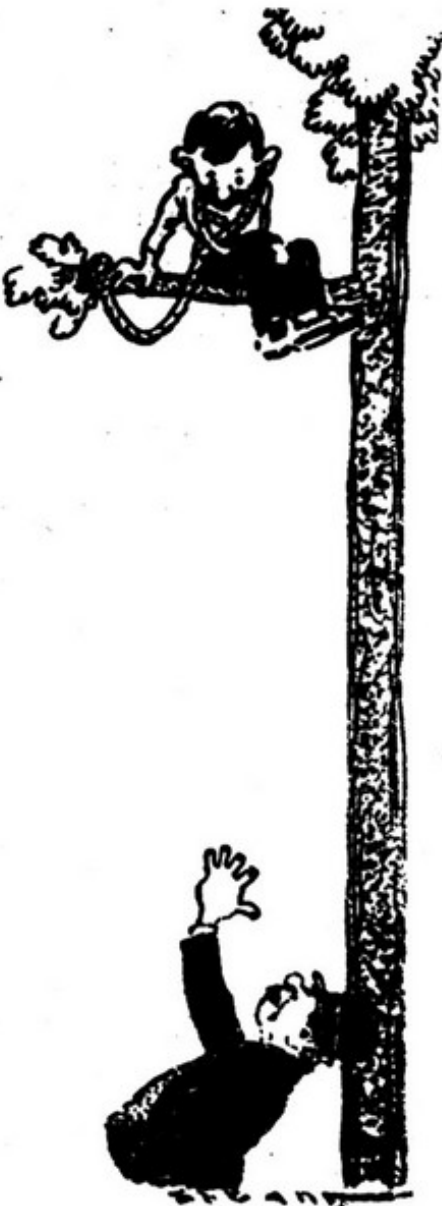
— Não — respondeu o homem da cadeia — você tem que pagar 500 escudos. E' a ordem — e eu tenho que a cumprir.

— Não posso pagar!

— Ah! isso é que você paga!

E o pobre camponio, humildemente, com as mãos em supplica:

— Vá falar ao administrador. Se ele fizer um desconto na multa, eu fico sendo freguês... cá na cadeia.



— Que imprudencia... que o homem que temesse trancar a porta... pode virtir-se e você quebrar uma perna.

— FOME SUNAPE

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.

A JORNADA DO BERNABÉ

Bernabé, o impagavel Bernabé, era um destes homens a quem a fatalidade perseguia constantemente, mas que não deixava, por isso, de ser um espirito curiosissimo.

Lutava com falta de dinheiro. Lutava com falta de saude. Lutava com a cara metade. Mas não lutava com a graça porque, na verdade, a tinha desde pequenino, e muito sábia.

Pois naquela manhã, Bernabé saíra irritado de casa. O seu rebento mais novo abeirara-se dele á hora do almoço e perguntara-lhe:

— Tu não gostas de fazer a barba, pois não, papá?

— Eu? Não! Aborreço-me duma maneira que nem calculas, meu filho.

— Pois... Então... deves agradecer-me. Acabo de escangalhar a tua «Gillette» — disse-lhe o filho, no tom mais innocente deste mundo.

Ante a perspectiva de no dia seguinte não poder barbear-se, malgré o aborrecimento que isso lhe causava, Bernabé saiu de casa irritadissimo, como dissemos. Todavia, se perdera a «Gillette», não perdera a graça. E, tomando um carro para a dita, Bernabé, que adorava as orianças, notou que um garoto endiabrado de 3 ou 4 anos, sentado ao colo da mamã, chorava tão copiosamente que o caso faria inveja a qualquer contador do sr. Carlos Pereira.

Solicito, carinhoso, delicadissimo, Bernabé aproximou-se do garoto e da mamã — um pedaço de mulher.

Fez festas ao menino e deu-lhe um beijo na testa ante um sorriso da mãe. Mas, quando o choro parecia terminado, eis que o garoto se lembrou de começar novamente num berreiro escandaloso, o que levou o nosso Bernabé a dizer, fingindo-se zangado:

— O menino... esteja caladinho... esteja caladinho... senão... quem fica com a mamã esta noite sou eu...

Escandalo no electrico, quasi tão grande como o escandalo do monopolio de Santo Amaro, e o Bernabé saltou precipitadamente do carro, tão precipitadamente que, caindo, rompeu num sitio delicadissimo as calças ainda em melo uso.

Surge um amigo. Conta-se a historia. E quando Bernabé se despedia, diz-lhe aquele:

— Mas agora reparo. Apesar de tudo, tu tens um lindo fato. Bem feito. Elegante... Boa fazenda... Bom corte... Onde é o teu alfaiate... Dá-me a direcção dele...

— A direcção do meu alfaiate?! Bem! Eu dou-te a direcção. Só te peço é que lhe não des a minha.

— Bem! Ela por ela. Eu não digo nada ao teu alfaiate, mas... como percebes um pouco de medicina, vais dar-me um conselho.

— Homem!... ás tuas ordens.

— Então ouve. Depois de comer, sinto um pesadelo muito grande e adormeço. Como posso evitar isto?...

— Muito simples... Suprime a comida!

Mil e uma peripecias ocorreram durante a jornada do Bernabé, que chegou a casa estafadissimo.

A mulher, uma faladora impenitente, não largou o nosso homem que, durante mais de meia hora, a ouviu sempre de relógio na mão.

Pergunta-lhe ela:

— Mas para que olhas tu para o relógio com tanta insistencia desde que comecei a conversar contigo?

— E' um match. Sempre quero ver qual dos dois pára primeiro...

Estusado será dizer que nesse dia Bernabé bebeu pela medida grande...

A PRIMAVERA



— Não sei o que é isto, Alfredo. Anda-me a rebentar o corpo todo!]

— Não te assustes, prima. Na primavera sempre rebentam as flores...



Tempo perdido

Ciriaco Cardoso, o maestro Ciriaco Cardoso, autor da musica de tantas peças teatrais, hoje quasi esquecidas, foi, a par dum excelente compositor, um verdadeiro homem de espirito que fez epoca no seu tempo.

Esteve em varios teatros, fez diversas tournées e, como bom homem de teatro que era, tambem foi ao Brasil. Partiu com grandes planos e malores esperanças de lucros remuneradores, mas deu-se por lá tão mal e com tão pouca sorte que, ao fim de três anos, teve de voltar, tão pobre como partira, e todos lastimavam o tempo que ele por lá tinha gasto ingloriamente:

— O Ciriaco foi ao Brasil — dizia-se — mas não trouxe nem musicas, nem dinheiro.

Mal empregado tempo. Tempo perdido. Quando a velhice entrou a corroê-lo, Ciriaco Cardoso começou a roubar alguns anos á sua idade, como fazem as mulheres que passam de raparigas á categoria de bondosas senhoras, e, mesmo perante amigos velhos, que lhe sabiam a idade tão bem como ele proprio, dizia-se sempre três ou quatro anos mais novo.

Um dia, na «caixa» do Trindade, perguntavam-lhe:

— Quantos anos tens tu, ó Ciriaco? — 45.

— Ná! Não pode ser! Ai faltam pelo menos três anos.

E, então, Ciriaco Cardoso deitava as contas minuciosamente:

— Estreei-me aqui no Trindade com 22 anos, e aqui estive sete anos — 29, com cinco anos no Gimnasio — 34, com três no Rua dos Condes — 37, com mais dois que estive sem trabalhar — 39, e com este seis que estou aqui outra vez — 45. Era o que eu dizia: 45 anos.

— Nada disso — interveio um amigo. — Ai faltam os três anos que estive no Brasil.

— Ah! sim — fez o Ciriaco Cardoso, com toda a naturalidade — mas esses toda a gente diz que foram tempo perdido. Perdeu-se, não se conta.

As capas do "Sempre Fixe"



Só a capa 10\$00.

Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 50\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia acrece o porte do correio.

Quem tudo quer...

O Moraes era um indeciso. Em todos os seus actos havia sempre hesitações e daí uma serie interminavel de prejuizos que este seu defeito lhe acarretara já, pela vida fóra.

E para cumulo, no fim das suas hesitações, optava sempre pelo pior, pela solução que lhe era mais prejudicial.

Assim, antes de casar, pensara no dictado «Quem casa não pensa e quem pensa não casa», e tal confusão se lhe estabeleceu no espirito que começou a pensar que o melhor era não pensar mais nisso e casou. E só depois é que pensou na tremenda asneira de não ter pensado um pouco antes.

Em tudo era assim. E não tem emenda. Uma noite destas teve um sonho maravilhoso. Sonhou que o Creador o chamara e muito amavelmente lhe dissera: «Vem cá, Moraes; tu tens sido toda a vida um infeliz e vou agora compensar-te. Vou dar-te cem contos, que aqui estão para ti, em notas do Banco. Agora vê lá se preferes que t'os dê em papel ou se preferes em ouro, porque nesse caso mando trocar. O Moraes hesitou, como sempre, e por fim decidiu-se: «Então prefiro em ouro». O Creador mandou imediatamente trocar as notas por um groom celestialmente agalado. Mas nisto, quando o Moraes esperava, radiante, o regresso do rapaz, acordou.

E então, mais uma vez, numa raiva tremenda contra aquela seu feitiço indeciso, estúpido, berrou sem se poder conter:

— Ora que grande camelo que eu fui! Porque diabo não aceitei eu as notas?!



— V. vem ao concerto?
O novo rico — Para ouvir um balo... Eu só trato com gente grande...



— É admirável. Perder um grande quantia ao jogo sem pronunciar uma palavra!

— Sim, mas as grandes dobras...

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lanau

Rua de Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes!

FUME SUNRIPE

RECEITAS DE BRUXA

Souza Martins dentro de D. Izabel

O Sempre Fize vai dar aos seus leitores algumas das infalíveis receitas da considerada bruxa Isabel Martins dos Santos, que numa agua-furtada da rua Augusta, perante a sua numerosa clientela, tão bem sabia encarnar o espirito do sábio Souza Martins.

A senhora que seja ciumenta e desconfie que seu marido anda perdido de amores por outra, não tem mais que ir á Praça da Figueira; leva o retrato de seu marido, comprando com ele á vista sementes de mostarda. E depois... faz a seguinte oração todos os dias:

«Vai á missa e entre a hostia e o calix benze as sementes, dizendo: — Nesta hora sagrada, em que Deus baixa á terra, eu benzo estas sementes para que todo o mal de minha casa possam afastar.»

«Em louvor a Deus Todo Poderoso, estas sementes estou a deltar para todos os meus inimigos afastar e aqui não possam parar.»

E' quanto basta. Dentro em pouco, o marido divorcia-se e casa com outra.

Se alguma alma daninha lhe quizer mal ou se alguma vizinha começar com intrigas, insinuações, zangas ou mexericos, não tem mais que pôr-lhe um pacote de sal á porta e rezar-lhe uma prega.

Se souber de alguém que lhe tenha feito uma praga também se arranja uma oração para as levantar. Não hesite em seguir o conselho, que é de graça:

«Para levantar pragas — Vai ouvir 9 missas, e entre a hostia e o calix diz: — Nesta hora sagrada em que Jesus baixa á terra, eu venho levantar em louvor do S. Sacramento do Altar todas as pragas, salgas, odios, invejas, feitiços, desvios, rogados, enviados e desejados a mim, á casa e a tudo quanto é meu.

Em Louvor do S. Sacramento do Altar.»

Para o mal olhado das suas intrigas e para poder vencer o odio também se arranja uma prece, sem ser

necessario pagar os 10\$00 da primeira consulta:

Cá vai ela:

«S. Miguel Arcanjo, que anda na minha companhia, guarda-me e livre-me de todos os perigos, assim como teve poder de vencer o demonio assim tenha poder de livrar-me de todos os inimigos, Amem Jesus.»

Esta prece deve ser evocada todos os dias pela manhã e sempre que qualquer irmão ou irmã seja atacado por espiritos malignos»

Caso estas receitas não deem o resultado desejado, o que não é natural, não tem mais que ir ao Palácio do Torel procurar o agente Anibal Costa, visto ser ele a pessoa que herdou da D. Isabel o espirito do dr. Souza Martins...

Não fugimos á tentação de reproduzir alguns trechos de duas cartas enviadas a D. Isabel Souza Martins..

«Aveiras de Cima. — Quando cheguei a casa, vi novamente pintada na parede, na segunda-feira, a figura da pessoa que sabe. Fez um desatinio como ha muito tempo não me lembro de presenciar. Peço-lhe que venha quanto antes a minha casa. Por falta de dinheiro não dei de comparecer. — Manoel João.

«P. S. — Sequeira, Correio de Azambuja. Casal das Mocelas.»

Mais outra:

«Sagres, 18/12/1928. — Tendo sido informado que o dr. Souza Martins dá consultas em vossa casa e por v'osso intermedio, e achando-me doente ha bastante tempo, tendo consultado alguns medicos e não tendo alivios na minha doença, venho por este meio rogar a V. Ex.ª se digno consultar o doutor e informar-me o que terei de fazer. A minha doença é mal de Pote, começou por resfriamento e vomitos, tendo grandes dôres na espinha dorsal, onde se encontram alguns ossos mais elevados. Tenho vinte e nove anos de idade e o meu nome é José Francisco e a minha residencia é em Sagres, Algarve.»

Isto é uma pequena amostra de clientela da D. Isabel Martins dos Santos.



— Oh mamã, aquele sr. que nos cumprimentou não é amigo do papá?

— E' sim, filha, e também o é da tua mamã..



A festa da familia cristã coincidiu este ano com a festa da familia tauromaquica, reconciliada e apaziguada. Para a reconciliação foi pintado um torreão, o que rima e é yerdado. Este e a trincheira surgiram em cores espanholas, e os restantes zimbórios bisantinos da praça «arabe», encimados pelo Crescente, em cinzento. Numa epoca de nacionalização tauromaquica, parece-nos confusão anarquica.

Os borrêgos Pascais foram do sr. Norberto Pedroso, e devemos reconhecer que alguns estavam gordinhos e outros até marraram.

As cortezias — esse grande momento da nossa festa nacional — foram prolongadas para gozo dos «anacleitos» e graças ao «passo suspenso» ou «passage». Com tais graças dos cavalinhos suspende-se durante mais tempo o amavel momento e a hora é mais bem passada.

Rufino da Costa e Antonio Luis Lopes levantaram bem alto o pavilhão de Vila Franca, mas não tão alto que as montadas não fôsem tocadas.

Custodio Domingues começou bandarilhando como Custodio Domingues, mas acabou como Custodio das Dôres, dôres causadas por varias colhidas aparatosas.

O Flôres foi á cara dos touros e — plá! Antonio Dias não foi muito feliz, mas um dia não são dias.

«Cantillana» fez a cantilena da bréga para cavalo, bem como «Malagueño», este, repetimos, a corpo limpo. Burrico lutou com o touro, mas acabou por se reconciliar com o dito. Viva a Reconciliação!

A tal «cernelha», ou á volta, deunos voltas á paciencia com varias voltas inúteis.

A melhor carta da «baraja» jogou-a o Barajas, um trunfo de paus, que ganha ouros com a espada e não tem az de copas. E que belo o seu peão! Vi... Vi... Victoriano. Viva!

Dirigiu o sr. Eduardo de Macedo e, atraz, o sr. Segurado.

E ficou-me por aqui para ser incluído na reconciliação da Familia Tauromaquica, porque a Tauromaquia é minha avó... torta.

Perez la chaise.



Ela: — Acode-me. Dá-me a tua mão!
— Nessa não caio eu. Deita ha dez anos e tenho-me arrependido milhões de vezes!

CASA DAS SORTES GRANDES

Bilhetos a 100000
Vigintésimos a 9900
Quadragesimos a 4950

Lotaria de Santo Antonio — 1.º premio 3.000 contos.

Bilhetos a 240000
Quadragesimos a 21000

Postos a José Pedro — 178-Rua Arco Bandeira-173 — (Pelo correio mais 1 cont.)

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.



O que se diz e o que se não deve dizer

As provas automobilistas no Campo Grande

FEZ EM FEZ...

Meeting quer dizer encontro ou reunião. Posto isto, ha que confessar que o meeting automobilista organizado tecnicamente, no domingo, pela Comissão Desportiva do Automovel Club, cumpriu absolutamente quanto á designação.

Reuniu os carros e as motos mais velozes nos Quilómetros de Arranque. Reuniu os carros mais bonitos no Concurso de Elegancia. Reuniu as senhoras mais elegantes ao volante dos carros mais bonitos. Reuniu os homens mais barbados ao volante dos carros mais velozes. Reuniu os dirigente mais activos, no julgamento dos carros mais velozes e mais bonitos. Reuniu em volta das vedações os carros menos bonitos e menos velozes. Reuniu, como espectadoras, as senhoras desportistas que não teem carros bonitos e os homens menos barbados que não teem carros nenhuns — e que se fartaram de admirar os carros e as motos velozes, os carros elegantes e as respectivas senhoras bonitas.

A' uma hora, a praça do monumento da Guerra Peninsular parecia um Salon. Só faltavam as taboetas, os tapetes e os catalogos. Muito em especial, faltavam os catalogos... Porque houve carros que andaram a dançar do C para o E e do E para o D.

Houve corrida do Quilometro de Arranque para motos e para automoveis. Mas as motos arrancaram o quilometro muito melhor — tão bem desarrancado que até faltava o ar a alguns espectadores. Ao proprio cronometro faltou o ar e, assim, os três primeiros motociclistas classificados tiveram que repetir a prova, depois do aparelho electrico ter voltado a si.

O Concurso de Elegancia e Conforto foi um segundo Salon — um Salon em movimento.

O publico olhava, de boca aberta e com a agua a escorrer pelos cantos dos lábios. Demais, nem só os carros eram luxuosos e confortaveis. Algumas das chauffeurs tinham igual direito ás classificações. Havia de tudo: conduites, cabriolets e sedans royalissimos. O sr. Beauvalet, com o seu Imperial, não destoava do conjunto.

João Ortigão Ramos foi o az da corrida de automoveis. O seu transformavel Auburn não fez farsa — fez um fogo de artifício completo.

Julgavamos, até aqui, que um transformavel era um carro fechado, podendo transformar-se em torpedo. Pois não é nada disto. Um transformavel é um carro fechado que se pode transformar numa bala. (Sem piada ao Magalhães Dominguez).

E o João Ramos é um homem pacifico, mas que pode transformar-se numa fera...

Na categoria de carros de corrida, o popular Joaquim Fernandes ganhou bem. Ganhou o melhor que lhe deixaram as velas. Fez o melhor tempo real, mas não fez o melhor tempo das matematicas. Fica sabendo que os cheques a pronto não valem certas letras com desconto...



... grande successo o club portuguez. (Recela-se a emigração total do foot-ball nacional para Marrocos)

João Ortigão Ramos

O carro vencedor e voador



O Az de domingo

Aconselhamo-lo a experimentar ainda as velas marca Navio da União Fabril.

Um jornal da noite de domingo só dizia da prova que muitas pessoas tinham ficado com as calças sujas. Para que não haja equívocos, devemos elucidar que as calças pertenciam a espectadores que se roçaram por uns cabos oleosos da vedação.

Em todo o caso, o publico apreciou muito aquela desportiva reportagem.

E, para o futuro, os organizadores terão, no Campo Grande, tanques de gasolina para lavagem de calças.

Além das calças sujas, houve outros pequenos inconvenientes — daqueles que sempre ha nestas coisas. Assim, os alto-falantes do Seculo ficaram mudos. Ou antes: — eram *altomudantes*.

E os quadros de *affichage* só seriam legíveis desde que as folhas das arvores se tornassem de cristal. Como este fenomeno fisico-agricola se não deu, os quadros limitaram-se a ser de *je-m'en-fichage*.

Entre a assistencia notava-se o sr. Abilio Nunes dos Santos, *recordman* da prova de ha dois anos. Como o tempo do seu Bugatti não foi batido, os Armazens do Chiado distribuem brindes aos frequentes e organizam um sortelo segundo o plano da Santa Casa. (Ver anuncios nos diarios de grande tiragem).

Rebola-A-Bola.

“O jogo do Padre Cura,,
ou o misterio sistematico dum
«goal» isotermico

Ora agora mentes tu!
Ora agora mintu eu!
Ora agora mentes tu!
Mentes tu mais eu.

Os diarios de maior circulação Fazem-me rir. São tal e qual criadas de servir Que dão boas referencias, Para vér se convencem o patrão. Ora vejam vocencias: Ha tanto tempo já que nós jogamos, E o jornal da bolinha continua A explicar que aquele goal que enfiámos Foi mera brincadeira. Vilas, aldeias, a nação inteira, Milhares de telegramas vão mandando E o Noticias vai esperando Que da lua Se confirme que a bola não entrou. O Seculo, porém, noticiou Tambem com testemunhos variados Dos seus correspondentes de além-mar, De Cacilhas, de Ovar, de varios lados, Que a bola ia a entrar, E entrou. E o juiz, que nos tinha um certo azar, Invalidou. Tanto papel mal gasto! E vou mostrar-vos uma ideia bela: «O jornal da bolinha vai p'ra o pasto E outro adversario p'ra Palmela.

Zé Maria.

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

ECOS DA SEMANA

DEPOIS DO NEGÓCIO DAS AMÊNDOAS É O DE DENTISTA QUE RENDE MAIS LECAS, PASSADA A PÁSCOA.



SE O APARELHO FOSSE DEMÔNIO DEL GRANDE PODER - TINHA S BUROCRATA IDO DE SÉVILHA A BUENOS AYRES.

HA UMALVITRE, PARA, QUE SE APROVEITEM OS NICHOS

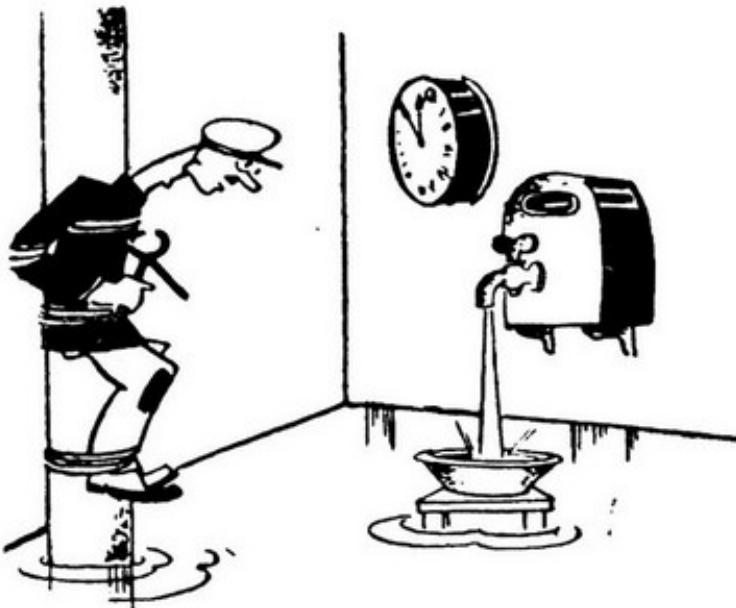


DO TERREIRO DO PAÇO - MASSIVO DE NICHOS... JÁ VAI O TEMPO, AÇÁ BARAM-SE - FORAM SE - CRUZES NA BÔCA -

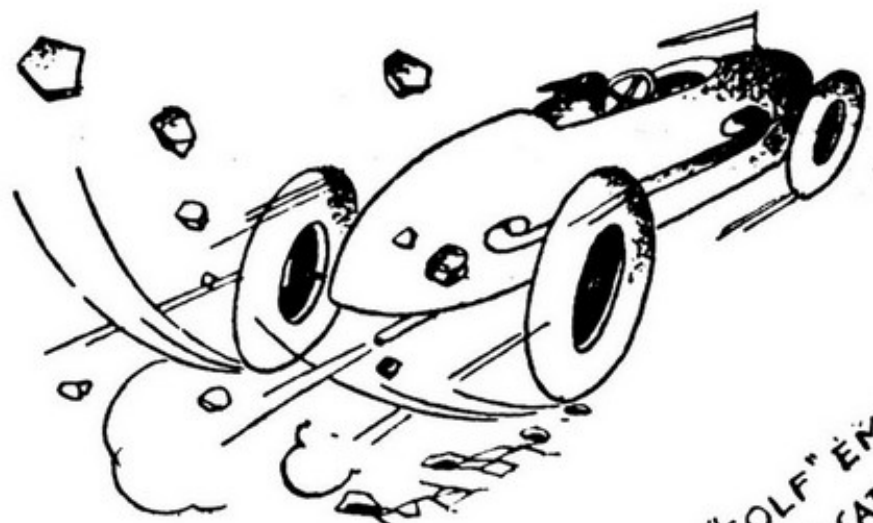


- SUPLÍCIO DE TANTALO -

QUERIAS LIMITE DE HORAS? QUERIAS CORTAR A AGUA? TEMOS MUITA PENA MAS NÃO PODEMOS CHORAR.



NO KILOMETRO DE ARRANQUE CONCEDE-SE O TROFÉU AO AUTOMÓVEL QUE CONSIGA ARRANCAR MAIOR PORÇÃO DE PEDRAS A'ESTRADA, NESSE PERCURSO.



A AMOSTRA MAIS INTERESSANTE DE TODOS OS QUE NOS VISITARAM NA ÚLTIMA SEMANA -



JÁ HA UM CAMPO DE "GOLF" EM PORTUGAL - OXALÁ QUE DE CADA BOLADA SAIA UM OVO COM NINHADAS DE "GOLFS" PARA ESPALHAR PELO PAÍS - PARABENS AO FAUSTO!



AOVELHO BEMFICA AQUI VAI UM ABRACO - ACONSELHA - MOS LHE UM ENXERTO... DE GLANDULAS VORONOFF



1 ABRIL O ÚNICO DIA DO ANO EM QUE SE DIZEM MENTIRAS INOFFENSIVAS.

BOTELHO